

PEREIRA, Diana Araujo (org.) - *Cartografia imaginaria da Tríplice Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014, 288 p.

Impossível pensar a vida no século XXI sem esgarçar ou esquadrihar suas fronteiras, mesmo porque é por aí que transitam, roçam, encontram-se ou se chocam massas em deslocamentos constantes. Mesmo que na América do Sul, o Brasil tenha o maior número de fronteiras trinacionais, com nove no total, o foco da obra *Cartografia imaginária da Tríplice Fronteira* (2014) não pretende responder a uma perspectiva nacionalista, ou indistintamente aplicável aos contextos das outras oito fronteiras espalhadas pelo mapa do Brasil, mas adota a perspectiva interdisciplinar, bilíngüe e transnacional e alude especificamente a uma delas: a Tríplice Fronteira líquida entre Argentina, Paraguai e Brasil, a do Aquífero Guarani em que transitam imigrantes e mercadorias do Oriente ao Ocidente ; sacoleiros de diferentes partes do Brasil atravessam a ponte na avidez do lucro; tribos urbanas se criam em um simbolismo fluido onde jorram antigas riquezas hídricas em cataratas de cobiça energética e por onde caminham grupos originários, a língua guarani na terceira margem que resistem em meio a uma imagem recente de zona de (in)segurança mundial. Também por aí circulam práticas culturais como a arte que para tratar; arquitetar ou recolher e recriar enigmas de mundos necessita refletir sobre os limites impostos historicamente, seja em tempos distantes pelo prisma das conquistas e colonizações, seja por movimentos beligerantes que transformaram impérios e repúblicas em nações que disputaram, no caso da América do Sul, entre XIX e XX, os espaços imaginados e seus limites.

Deste modo, entendendo que a zona do foco interdisciplinar trifronteiriço, oriundo de um Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Integração Latino-Americana supera os limites ao dialogar com uma rede de pesquisadores da região, transformando os resultados em um testemunho candente do que significa construir um caminho investigativo que sirva de diálogo entre a microrregião, as instituições de ensino que se amplia às fronteiras entre hemisfério Norte e Sul na América Latina e a ampliação do próprio conceito de fronteira que se expande para o universo do imaginário e do simbólico. Pensar sobre esta fronteira tripla sul-americana, em uma zona de contato lingüístico e cultural especialmente diversificado

exige esmiuçar sobre uma confluência de fatores geopolíticos e imaginários bélicos que transformaram territórios, historicamente pertencentes a grupos indígenas, tais como os diferentes grupos Guarani; os Charrua; os Maka em foco de tensões e conflitos a partir de um intenso, longo e complexo contato. Em parte como zona franca entre governos ditatoriais em acordos supranacionais e ante o impacto da globalização a partir dos anos 60, 70 passa a atrair a presença árabe e asiática por commodities e eletrônicos em disputa na Ciudad del Este. O espaço torna-se mais complexo quando, após o atentado de 2001 no World Trade Center (EUA) cria-se o estigma ao associar a Tríplice Fronteira ao “narcotráfico e ao terrorismo”, como bem se observa na apresentação de Diana Araujo Pereira que se aprofunda na guerra midiática de imaginários que o artigo dos estudantes Antonino Zunino; Danilo Ferreira e Carla Orihuela esmiúça com propriedade.

O caráter tripartite da região encontra mimetismo na obra que se estrutura em diferentes vozes em três capítulos, a dos imaginários; a das geopoéticas e de outras fronteiras.

1. Imaginários

Neste apartado, entre outros textos que discutem as identidades árabes; brasiguaias ou de associações urbanas como a Conscienciologia, destaco o tema da reconfiguração territorial do Paraguai que remonta ao relato da *Conquista Espiritual* (1639); passa pelas duas guerras, a Grande (1865-1870) e a do Chaco (1932-35) que redesenham os limiares do país e articula-se a uma política que vai da fundação da zona franca (Puerto Stroessner) à invasão dos brasiguaios em território paraguaio em sua complexidade, ao envolver não somente agricultores alijados pela construção de Itaipu, como grandes detentores de capital que expandiram as fronteiras do que hoje se tornou conhecido como o agronegócio, como estaria previsto com o planejamento do gigantesco recurso hidroelétrico binacional. Da zona franca a uma *língua franca*, a voz de Aníbal Orué Pozzo, da Universidad Nacional del Este (UNE) atenta para a necessidade de uma rede interfronteiriça e interdisciplinar de pesquisadores, partindo da reconfiguração territorial do Paraguai com a proposta de incursionar pelos processos sociais em curso que não podem se limitar apenas a uma imagem diacrônica, nem a uma língua nem a uma nação.

2. Geopoéticas

Segundo Damián Cabrera, o desafio da escritura trifronteiriça que se move entre as fissuras das bordas, da pirataria e do contrabando seria imaginar um exercício de mescla em que circulem as territorialidades em conflitos; as ocupações precárias em reverso às representações como zonas de interferência. Anselmo Peres Alós (UFMS) levanta o bestiário do portunhol salvaje, recriado por Douglas Diegues a partir da mitologia guarani. A poética transgressiva do fundador do movimento poético interfronteiriço adquire um salto com a “Karta- manifesto del Amor-Amor en Portunhol Selvagem” respaldada por um coletivo de intelectuais em 2008, destinada a Lula e Lugo, cujo apelo é a queima do tratado bilateral de Itaipu, transformando a poética em política. Além disso, o artigo oferece a proposta de Joca Reiners Terron, o movimento do portunhol salvaje, com a idéia de que o portunhol selvagem adere ao contrabando de línguas, ao “lirikotráfico”, como uma nova teoria da tradução que bebe na tradição haroldiana da transcrição. (ALÓS, 2014:146). Entre outros tantos “bichos”, vale aludir a pelo menos um deles, o Kurupi que, ao mesmo tempo em que cuida dos mandiocais, persegue virgens, a fim de saciar um desejo sexual exacerbado e que no bestiário de Diegues se amplia a um polimorfismo trans-genérico (ao enalço de mininos e mininas). Apenas careceu de uma alusão aos escritores paraguaios que, antes de Douglas Diegues, criaram, como por exemplo, Augusto Roa Bastos uma transculturação dos mitos. O conto “Kurupi” de Augusto Roa Bastos que surge na obra *El baldio* (1966), passa a ser incorporado depois como capítulo do romance *Hijo de Hombre*, em uma segunda versão francesa de 1982 e na espanhola de 1983. Não por ser Roa Bastos um escritor canônico em sua diáspora, mas pela compilação de imaginários guarani que foram oferecendo às geopoéticas, as versões de uma oralidade guarani antes do século XXI. Ao transgredir a língua de prestígio com a voz do silêncio que outra cultura subalternizada dispõe, articula uma diglossia, indispensável a outras versões incorporadas no imaginário trifronteiriço, antes do bestiário em questão.

Cabe ainda mencionar o que arquiteta Diana Araujo Pereira ao armar um marco epistemológico sobre a ‘letra do lixo’¹¹. Como uma arte de resistência que se opera a

¹¹ Título da matéria de Rodrigo Casarin em Carta Capital, publicado 01/08/2014 .
<http://www.cartacapital.com.br/revista/809/a-letra-do-lixo-5109.html>

partir da América Latina com o movimento Kartonero, oriundo de Buenos Aires, logo após a crise do *curralito* argentino de 2001 com o coletivo *Eloisa Cartonera*. Fiel à proposta de indagar sobre a geopoética *trinacional*, a autora problematiza o conceito de fronteira, partindo de Milton Santos que além do chão, inclui à fronteira a população que a habita para então entrar pelo espaço móvel que é a fronteira, que abriga a subjetividade. Arregimentando argumentos em favor da realocação dos bens simbólicos, desemboca em Félix Guattari sobre os processos de *desterritorialização* ou *reterritorialização* para tratar de uma experiência particular, a UNILA Cartonera com história e paisagem próprias, que conclui o capítulo como uma antologia poéticas de fronteira e uma entrevista a Silvio Campana, fundador da Associação Guatá, de longa data que além de uma revista literária *Guatá*, reafirma um projeto de leitura em diferentes bairros de Foz e que hoje conseguiu se transformar em Ponto de Cultura.

3. Outras fronteiras

Por fim, o artigo de Raquel Mosqueda sobre a fronteira Norte/Sul entre o México e os Estados Unidos explicita a necessidade de encarar limiares sem maniqueísmo e dicotomia. Compreendendo hoje a fronteira como simbólica. À base de entrevistas sobre a imagem que o habitante faz de seu entorno, o estudo adverte sobre a violência do narcotráfico, dos não documentados, entretanto reflete sobre o papel dos meios de comunicação na imagem negativa desses espaços de borda. Há uma atual “obsessão por cruzar” para além de obstáculos como uma necessidade humana de transpassar e de transgredir.

Gradativamente, a obra vai deixando a materialidade da fronteira física específica para adentrar mais e mais em outra fronteira simbólica, quando propõe concluir com as memórias, imagens e línguas andinas ao tecer a arte dos contos pintados do Peru...” por Rosaura Andazabal Cayllahua. Uma “oralidade em transe de insubordinação” propõe estudar como se inventam novos meios e mediações, práticas literárias que dependem de outras máquinas de leitura, é o que propõe Pablo Macera. (Apud Andazabal, 2014:268). A recopilação do material e a promoção de oficinas de oralidade, memória e imagem classificam os contos segundo a região, a língua o tema observando como a educação intercultural pode reterritorializar sujeitos migrantes da

serra andina à periferia de Lima e outros centros urbanos e ao mesmo tempo oferecer a riqueza de um patrimônio intangível.

Com a intenção de reinventar tais limiares, em captação para além do territorial, tais reflexões interfronteiriças de subjetividades em trânsito pretendem servir de subsídios para “laboratórios socioculturais da contemporaneidade” e deste modo, do próximo ao distante; do físico ao simbólico, do imaginário ao poético, entre outras fronteiras possíveis, vale a pena ler essa obra que descortina uma das tríplices fronteiras para articular uma primeira cartografia.

“Aquí em la frontiera todas las personas son un poquiño trans...una língua a la mímica” (Bargas, 2014:204).

Confiram como no artifício atual da globalização, muitas vezes, a circunscrição consiste somente em um fluido, flexível e irrisório limiar vivo, volúvel e original, que, de repente, é o arquivo que resta a se transpor no tempo e no espaço, única fronteira possível a beliscar o sensível no tempo: o corpo.

Alai Garcia Diniz (PVS-CAPES-

UNILA)